

A Natureza entre Chineses e Europeus

Nesta II Jornada de Letras, realizada no Campus Avaré do Instituto Federal de São Paulo, no dia 28 de outubro, passei por uma experiência muito agradável e muito inesperada: a de realizar três comunicações em apenas um congresso, e em uma única sessão.

Quando propus as minhas comunicações, achei que apenas uma delas seria aceita, e qual foi minha surpresa, ao descobrir que as três haviam sido selecionadas!

Uma delas propunha uma leitura atenta de *“Os trabalhadores do mar”*, de Victor Hugo (1802-1885), ressaltando os aspectos de intrusão da modernidade histórica na vila de pescadores retratada no livro. A segunda propunha a apresentação de minhas tentativas de tradução de um livro chinês da dinastia T’ang (século IX), chamado, em português, de *“Vinte e quatro estados poéticos”*; e a terceira propunha apresentar a minha tentativa de tradução do clássico chinês *“Seis relatos de uma vida fugitiva”*, a partir do texto em inglês (Edições Penguin, 1982).

Como unir três assuntos tão diferentes em uma única sessão, esse foi o desafio que aceitei como um jogo intrincado.

O elo que encontrei em todos estes livros, porém, foi a Natureza e as diferentes concepções que temos dela, entre nós, descendentes de europeus, e os chineses.

Em Victor Hugo, como era de se esperar, a Natureza é contemplada de maneira burguesa e cristã, ou seja: como má e como boa, alternativamente.

É benéfica, quando o herói, Gilliat, recebe o alimento que os pássaros vêm lhe trazer, por exemplo, e é maléfica, quando o mesmo herói tem de vencer o *“kraken”*, monstro marinho que o ameaçava, desde o início da narrativa.

O que isso tem a ver com a poesia dos *“Vinte e quatro estados poéticos”* é que a Natureza, para os chineses taoístas, é vista como desprovida de nossos conceitos de Bem e de Mal, sendo favorável a desejos apenas quando o homem está de perfeito acordo com ela e com o seu *“percurso”*, chamado, em chinês, de: *“dao”*.

É essa a mesma Natureza, desprovida de favores gratuitos e deliberados, não-caprichosa, ou melindrosa, que aparece nos *“Seis relatos de uma vida fugitiva”*, de Shen Fu (escritor da dinastia Qing, séc. XVIII); é ela que observa, impassível, o Destino e os caminhos de um casal que, na literatura chinesa, tornou-se quase um provérbio de felicidade a dois.

Sendo assim, penso que consegui unir os três assuntos em apenas uma única sessão de comunicação, vencendo um desafio que, de início, me pareceu muito difícil.

Havendo tempo, ficarei muito grat@ em publicar os artigos completos, para a apreciação do público.

Meus votos de Bons Estudos, para tod@s,

Prof. Dr. Paulo de Tarso Cabrini Júnior

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Câmpus Avaré

